

GAIA ESTÁ SANGRANDO – A DIMENSÃO SIMBÓLICA DO VERMELHO NAS IMAGENS DE BRUMADINHO

GAIA IS BLEEDING – THE SYMBOLIC DIMENSION OF RED IN THE IMAGES OF BRUMADINHO

Elis Marina da Silva Souza¹
Malena Segura Contrera²

Resumo

O presente artigo aborda a dimensão simbólica da cor vermelha presente nos registros fotográficos da tragédia que acometeu a barragem de rejeitos em Brumadinho no dia 25 de janeiro de 2019, a partir do corpus selecionado. Como delimitação temática, o enfoque está na análise das imagens contidas nas reportagens exibidas e veiculadas no período de uma semana a contar do dia da tragédia. Quanto à metodologia, propõe-se uma análise das imagens presentes nas reportagens, para averiguar as repetições e recorrências a fim de se levantar um padrão presente. A maior parte dos registros mostram aspectos simbólicos, acerca do vermelho, que se repetem ao longo dos dias em que as notícias eram veiculadas, carregando características acerca do corpo enlameado, vestimentas dos profissionais do corpo de bombeiros, a própria lama e outros diversos elementos com aspectos visuais semelhantes, o que nos submete a um padrão simbólico apresentado. A linha teórica seguida na análise desse padrão é a da teoria do imaginário simbólico, segundo as escolas de estudos do imaginário de Edgar Morin e Gilbert Durand.

Palavras-chave: Mídia. Imaginário. Imagem. Símbolo. Vermelho.

Abstract

This article discusses the symbolic dimension of the color red present in photographic records of the tragedy that compromised the tailings dam in Brumadinho on January 25, 2019, from the selected corpus. As a thematic delimitation, the focus is on the analysis of the images

¹ Mestre em Comunicação e Cultura Midiática pela Universidade Paulista (UNIP). Professora do Centro Universitário Belas Artes e da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0154350181838993>, Orcid: 0000-0002-7144-0375, e-mail: designeinovacao@gmail.com.

² Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP, pós-doutora em Comunicação pela UFRJ, professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista, líder do Grupo de Pesquisa em Mídia e Estudos do Imaginário e bolsista produtividade (PQ) do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1534594674889539>, Orcid: 0000-0003-4334-9467, e-mail: malenacontrera@uol.com.br.

contained in the reports exhibited and aired within a week from the day of the tragedy. As for the methodology, an analysis of the images present in the reports is proposed, so the repetitions and recurrences can be verified in order to raise a present pattern. Most of the records show symbolic aspects, about the color red, which are repeated over the days when the news was broadcast, carrying characteristics about the muddy body, clothing of fire department professionals, the mud itself and other diverse elements with similar visual aspects, which subjects us to a presented symbolic pattern. The theoretical line followed in the analysis of this pattern is that of the symbolic imaginary theory, according to Edgar Morin and Gilbert Durand's schools of studies of the imaginary.

Keywords: Media. Imaginary. Image. Symbol. Red.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo parte da percepção de um padrão simbólico presente nas imagens utilizadas na cobertura jornalística da tragédia de Brumadinho, que evidenciam a presença do vermelho e fazem emergir no contexto das notícias sobre o ocorrido um outro texto para além do jornalístico, um texto no qual podemos verificar a irrupção de aspectos relevantes do Imaginário. O objetivo deste artigo é analisar o simbolismo do vermelho contido no contexto dessas fotografias, a fim de compreendermos os sentidos que subjazem a essas imagens, e se elas apontam para uma matriz cultural arquetípica que possa ter relevância para a compreensão dos sentidos que essas imagens escolhidas pela mídia revelam.

Em 2019, mais precisamente no dia 25 de janeiro, a tragédia que acometia a barragem de rejeitos do Córrego do Feijão em Brumadinho era anunciada. O rompimento da barragem resultou em um crime ambiental tirando a vida de mais de 250 pessoas, que permaneceram encobertas pelo barro durante muitos dias até que as operações de busca fossem interrompidas devido à situação de pandemia instaurada no Brasil no primeiro semestre de 2020.

O trabalho não trata de uma análise fotográfica propriamente dita, mas sim de uma análise das imagens que essas fotografias abrigam, considerando-as em sua dimensão simbólica e em diálogo com a teoria dos arquétipos de C. G. Jung e James Hillman, aqui propostas como agentes de um diálogo que não permita que as imagens se esgotem rapidamente. Igualmente, não se trata de uma análise jornalística, mas de uma reflexão sobre essas imagens, para que elas não se apaguem simplesmente, devoradas pela rotatividade das notícias, dentro de uma dinâmica jornalística cada vez mais refém da noção mercadológica de novidade.

As imagens analisadas foram veiculadas no espaço temporal de uma semana a partir do dia da tragédia, selecionadas em portais de notícias da internet e em jornais impressos, como o Portal G1, Folha, Uol, Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Estado de Minas, entre outros³.

Dentre os artigos existentes envolvendo a temática “Brumadinho”, não foi encontrado nenhum registro relacionado com a abordagem aqui apresentada, de modo que esperamos oferecer uma modesta contribuição para a compreensão das relações entre os fenômenos sociais, a produção de imagens no ambiente midiático e a irrupção do Imaginário, este último aqui entendido a partir das teorias do Imaginário de Edgar Morin e de Gilbert Durand.

2 A PREDOMINÂNCIA DO VERMELHO

Quanto mais cultivado é o espírito sobre o qual ela se exerce, mais profunda é a emoção [...] A cor provoca, portanto, uma vibração psíquica. E seu efeito físico superficial é apenas, em suma, o caminho que lhe serve para atingir a alma [...]. (KANDISNKY, 1996, p. 66-67).

Ao separar as fotografias jornalísticas que se repetiam ao longo da semana, em mídias diferentes, bem como as novas fotografias que surgiam com o passar dos dias, notava-se que a imagem do vermelho era predominante; o vermelho vivo, puro, e, também, o vermelho ocre, presentes na terra, no barro e na lama. Podemos considerar que o próprio cenário de fundo da lama traz a presença da cor vermelha, mas isso não é exatamente verdade se pensarmos nos elementos que contracenam com a lama nas fotos e que voltam a trazer o vermelho para a cena, tais como as roupas dos bombeiros, os carros presentes, o helicóptero; até mesmo nas fontes gráficas das notícias ele comparece, absoluto.

O critério de repetição de uma imagem ou de um elemento simbólico é muito relevante para os estudos do Imaginário na medida em que essa repetição aponta para um elemento que Gilbert Durand chamou de “metáforas obsessivas”, algo que insiste em se visibilizar, que irrompe aqui e ali novamente. Sobre o uso desse método de análise para os

³ A pesquisa inicial foi realizada com o auxílio da ferramenta de buscas Google Imagens, utilizando-se de palavras-chave para direcionar o resultado para o corpus, são elas: “Corpos Barragem de Brumadinho”, “Corpos Brumadinho” e “Vítimas Barragem de Brumadinho”, delimitando o período de 25 a 31 de janeiro de 2019. Em cada um dos dias foi verificado o que cada veículo publicou sobre a tragédia de Brumadinho, descartando as fotografias genéricas, ou seja, que não continham imagens diretas do local, após isso, levantou-se a quantidade de imagens que foram publicadas com essas características e a recorrência na veiculação das mesmas.

estudos do Imaginário, proposto por G. Durand como Mitocrítica, A. T. Portanova Barros elucida que:

Este método consiste, basicamente, no recenseamento de imagens simbólicas em dado material cultural, tanto escrito quanto oral. As utilizações mais comuns da mitocrítica foram feitas, inicialmente, para a análise das obras artísticas em geral e literárias em particular. No entanto, é possível adaptar o método também aos discursos da Comunicação, utilizando-o como uma técnica de análise de conteúdo que busca identificar **metáforas obsessivas** ou mitemas – repetições metonímicas do mito que é objeto da narração geral que se estuda, de modo que cada fragmento reflète o todo – em dado recorte de pesquisa. (BARROS, 2010, p. 136).

Podemos ainda considerar a noção proposta por Edgar Morin para análise dos fenômenos culturais, a partir do que ele considera um dos principais princípios da Complexidade (2007), o princípio hologramático, que resgata exatamente essa ideia de que é preciso considerar a possibilidade de que “cada fragmento reflète o todo”, como afirma acima Portanova Barros a partir da mitocrítica de G. Durand.

Essa possibilidade se dá porque, ainda pela pontuação de Portanova Barros:

Parte-se do pressuposto que toda narrativa é aparentada do mito, possuindo a mesma estrutura que ele, apoiada em redundâncias. O jogo de redundâncias é importantíssimo quando se trabalha com imagens simbólicas porque num símbolo, como explica Durand (2000, p.16), tanto significado quanto significante são infinitamente abertos. A redundância serve para corrigir a inadequação da encarnação concreta do símbolo. (BARROS, 2010, p. 137).

Dada a relevância de olharmos atentamente para a repetição da cor vermelha nas imagens da cobertura da tragédia, sabemos por meio de Pastoreau (2019), que considerou que nenhuma cor se compara ao vermelho, ser o vermelho uma cor arquetípica, a primeira a ser dominada e reproduzida pela humanidade em pinturas parietais e adornos corporais. Vinculado ao fogo, mas sobretudo ao sangue, desde épocas remotas, o vermelho desdobra-se num labirinto cromático particularmente fecundo e ambivalente. Segundo Pastoreau (1993, p. 160-161), a respeito das antigas civilizações, afirma que, culturalmente o vermelho está quase sempre associado ao sangue e ao fogo, ambos derivam da mesma história, e “há um vermelho tomado positivamente e um tomado negativamente, tal como há um sangue tomado positivamente e um sangue tomado negativamente e um fogo tomado positivamente e um fogo tomado negativamente”.

Quando trabalhamos com o percurso antropológico da imagem, como sugere a abordagem de G. Durand, somos inevitavelmente levados à presença dos mitos. M. Eliade, tratando da profusão de referências das culturas arcaicas a elementos da natureza, a partir das relações que podemos verificar entre biosfera e noosfera, chama a atenção para a relação existente no imaginário entre a terra e o corpo, e, conseqüentemente, o sangue que corre por esse corpo.

Quem propõe com total propriedade essa relação entre biosfera e noosfera é Edgar Morin⁴, ao tratar de como os seres da noosfera, que compõem o imaginário mítico, são elaborações simbólicas da relação entre os homens e seu meio ambiente natural, considerando que o estágio de desenvolvimento da consciência do homem arcaico concebia a terra como “encantada”, ou seja, os deuses habitavam a natureza, e os fenômenos naturais eram considerados a manifestação destes deuses. Historicamente, passamos pelo processo de desencantamento do mundo, como bem propôs Max Weber (2007), mas os processos que foram excluídos da consciência permanecem, no entanto, no inconsciente. Ainda vemos na terra a matéria-prima da vida humana, como atestam tantos os mitos gregos, a partir do mito de Prometeu (BRANDÃO, 1986). No cristianismo as crenças que envolvem o barro também existem. De acordo com a Bíblia, o homem também foi modelado do barro por Jesus, o filho de Deus: "O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou no seu rosto um sopro de vida, e o homem tornou-se alma (pessoa) vivente" (BIBLIA, Gênesis 2, 7).

Figura 1 – O uso da terra na elaboração de adornos - tribo africana do deserto da Namíbia



Fonte: Live jornal, 2020.

⁴ Edgar Morin apresenta essa relação com propriedade nos primeiros quatro volumes de O Método, evidenciando as imbricações entre as criações imaginárias de uma determinada cultura com a geografia e as condições ambientais que determinado grupo social enfrentou na época da geração dos mitos.

O ciclo mítico das deusas, que Erich Neumann (1999) tratou como ciclo da Grande Mãe, está repleto de histórias que apontam para as deusas da terra e que fazem referências ao corpo da Grande Mãe como origem de todos os corpos, e também como destino final destes, sendo os rituais funerários por sepultamento os mais recorrentes em diversas culturas (MORIN, 1988b). E como no universo simbólico dos mitos das culturas arcaicas vida e morte se encontram, também os rituais de fertilidade são em sua maior parte rituais ligados à terra, sejam os rituais femininos, sejam os rituais agrícolas relacionados à fertilidade dos grãos. Esse é um motivo mítico bastante comum, como atesta, por exemplo o mito de Deméter e Perséfone (BRANDÃO, 1986).

Também Chevalier (1986) afirma que o vermelho é a cor que representa o fogo e o sangue, pois, “[...] para muitos povos é considerada a primeira das cores existentes, e está ligada profundamente ao processo da vida” (CHEVALIER, 1986, p. 888.). No Paleolítico, o vermelho se fazia presente no sangue da caça e também no fogo, representava a vitalidade e o poder de se conseguir o alimento. O poder atribuído ao vermelho advinha também da associação do fogo com os deuses celestes, já que as primeiras experiências do homem arcaico com o fogo foram dadas pelo raio (LÉVI-STRAUSS, 1991).

Seja por meio do reflexo do fogo nos rituais realizados nas cavernas, seja por meio do sangue derramado nos rituais, o vermelho é a cor predominante quando falamos de vida e morte. O vermelho é sempre visto como duo e ambíguo, transita entre o puro e impuro. Simboliza o fogo central, o ser humano e a terra, o vermelho como sagrado, a cor do coração, o simbolismo que envolve o ventre, no qual vida e morte se transmutam.

Chevalier (1986) nos fala sobre como o vermelho carrega um sentido ambivalente, o vermelho do sangue que carrega a força vital é também representativo da morte, já que esse sangue só se mostra quando derramado, sobretudo no sacrifício.

A importância do abatimento de humanos e de animais, e o derramamento de sangue nos rituais de sacrifício, aproxima ainda mais o vermelho da morte do que da própria vida. Fosse um ritual de sacrifício oferecido como purificação da tribo, fosse um sacrifício considerado oferenda aos deuses, o sangue selava o acordo entre deuses e homens, renovando a vida de todos pela morte de alguns (GIRARD, 1990).

Frente a catástrofes naturais ainda hoje o senso comum acredita que “Deus quis assim”, ou que “Com Deus não se discute”, indiretamente associando as mortes coletivas com a vontade dos deuses. Esse foi também o tom dado por muitos jornais ao crime ambiental de

Brumadinho. Chamando o ocorrido de “tragédia”, buscou-se deslocar a responsabilidade dos envolvidos no que foi um crime ambiental para a fúria dos deuses sedentos de sacrifícios.

Há também uma característica diurna e solar no vermelho, atribuída por muitas culturas, que o associa ao herói, ao masculino, à virtude guerreira. Chevalier (1986, p. 888) o chama de Eros livre e triunfante e é esse o vermelho que também se apresenta nas imagens de Brumadinho nas vestimentas dos bombeiros e nos carros e helicópteros de salvamento.

Figura 2 – Grupo de imagens da tragédia que apresentam o vermelho



Fonte: Portal de notícias G1, 2019.

A relação entre a ação dos bombeiros e o heroísmo destes, que traziam à luz os que estavam soterrados, foi a todo momento referida, tanto nas imagens como nos textos acerca da tragédia, mas sobretudo no vermelho solar.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS – GAIA ESTÁ SANGRANDO

A busca pelas recorrências simbólicas busca identificar os padrões de repetição que possam nos levar à constatação da irrupção de um arquétipo, que subjaza às imagens que invadem os veículos de comunicação na cobertura de um acontecimento.

Neste caso, constatamos que o vermelho está presente no inconsciente coletivo, com seus mais diversos valores simbólicos. Mas nesse caso o vermelho brota da terra, e ainda que concretamente surja da própria cor da terra ou da presença dos metais tóxicos carregados pela água poluída da indústria envolvida no crime ambiental de Brumadinho, não podemos deixar de identificar, pelo olhar que busca resgatar a dimensão simbólica das representações imagéticas, uma terra que sangra.

A partir dos estudos da Psicologia Junguiana aplicada aos fenômenos sociais, sabemos que o sentido da irrupção repetitiva de símbolos, presentes nas imagens, que apontam para um arquétipo, como vemos aqui com a relação entre vermelho, sangue e terra, visam trazer à consciência algo que se agita no inconsciente coletivo e que deseja ser sabido, conscientizado. A imagem é portadora sempre de uma operação mágica que pretende revelar ou esconder algo, como sabemos, e nesse caso elas revelam uma terra que sangra, uma Grande Mãe ferida, como propõe Neumann.

Com base no que foi apresentado, dentre as pesquisas realizadas e as análises resultantes desse levantamento, é possível entender que os símbolos se fazem presentes em todos os acontecimentos, sobretudo aqueles carregados de forte carga emocional. O tempo lento da análise permite que busquemos símbolos que apontam para a presença de conteúdos arcaicos presentes no imaginário, um subterrâneo arquetípico e referenciado na memória simbólica e mítica.

A tragédia de Brumadinho não foi representada pelas imagens das coberturas jornalísticas e informativas apenas por meio do vermelho, certamente as imagens fizeram eclodir inúmeros símbolos passíveis de serem analisados, muitos deles compondo a genealogia dos sentidos da cor vermelha, que trazem discussões importantes sobretudo sobre o corpo, vivo e morto, apresentando outros inúmeros conteúdos simbólicos que possam

emergir desse universo. No entanto, o vermelho tem seu protagonismo inegável, esse vermelho presente nos rituais de nascimento e de morte. Nós escolhemos vê-lo ou não.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Denize Correa; CONTRERA, Malena Segura. Teorias da Imagem e do Imaginário. *In: 23º Encontro Nacional da COMPÓS. Anais [...]*, Belém, 2014.

BAITELLO JR., Norval. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker Ed., 2005.

BAITELLO JR., Norval; CONTRERA, Malena Segura. Na selva das imagens – contribuições para uma arqueologia da imagem. **Revista Significação**, São Paulo, v. 33, n. 25, 2006.

BARROS, Ana Taís Martins. Comunicação e imaginário – uma proposta metodológica. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.33, n.2, p. 125-143, jul./dez. 2010.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CHAVALIER, Jean. **Diccionario de los Símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

CONTRERA, Malena Segura. A Imagem Simbólica na Contemporaneidade. *In: II CONGRESSO DO CRI2I - A TEORIA GERAL DO IMAGINÁRIO – 50 ANOS DEPOIS: CONCEITOS, NOÇÕES, METÁFORAS. Anais [...]*, Porto Alegre, 2015.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e Pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2002.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DURAND, Gilbert. **Campos do Imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. Lisboa: Arcadia, 1979.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ESTADÃO. **Brumadinho: mortos chegam a 99; desaparecidos são 259**. São Paulo, 25 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/ao-vivo/rompimento-barragem-brumadinho>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

ESTADO DE MINAS. **Barragem de rejeitos de minério da Vale se rompe em Brumadinho**. Belo Horizonte, 25 jan. 2019. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/01/25/interna_gerais,1024468/barragem-de-rejeitos-da-vale-se-rompe-em-brumadinho.shtml>. Acesso em: 13 fev. 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Barragem se rompe e casas são atingidas em Brumadinho, Grande BH.** São Paulo, 25 jan. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/01/barragem-se-rompe-e-casas-sao-atingidas-em-brumadinho-grande-bh.shtml>>. Acesso em: 3 mar. 2019.

G1. **A tragédia da barragem de Brumadinho em FOTOS.** Minas Geral, 2 fev. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/02/02/a-tragedia-da-barragem-de-brumadinho-em-fotos.ghtml>>. Acesso em: 2 fev. 2020.

GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado.** São Paulo: Editora Unesp, 1990.

KELEMAN, Stanley. **Mito e Corpo. Uma conversa com Joseph Campbell.** 3ª. Ed., São Paulo: Summus, 2001.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo. Antropologia e Sociedade.** São Paulo: Papyrus, 2003.

LEITE, Mazé. Pequena história da cor vermelha. **Vermelho.** Brasília, 31 jan. 2014. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/coluna/pequena-historia-da-cor-vermelha/>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido.** São Paulo: Brasiliense, 1991.

LIVE JORNAL. **Site Live Jornal.** 2020. Disponível em: <https://ic.pics.livejournal.com/verzamelaar/12274088/39893/39893_1000.jpg>. Acesso em: 5 ago. 2020.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem - a natureza humana.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1988.

NEUMANN, Erich. **A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente.** São Paulo: Cultrix, 1999.

PASTOUREAU, Michel. **Dicionário das cores de nosso tempo: simbólica e sociedade.** Lisboa: Estampa, 1993-1997.

PASTOUREAU, Michel. **Vermelho – História de uma cor.** São Paulo: Orfeu Negro, 2019.

R7. **Quem é a pilota dos Bombeiros que fez resgate incrível em Brumadinho.** São Paulo, 25 jan. 2019. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/quem-e-a-pilota-dos-bombeiros-que-fez-resgate-incrivel-em-brumadinho-26012019>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

UOL EDUCAÇÃO. **Conheça 12 deuses da mitologia grega**. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/album/2015/06/19/conheca-12-deuses-da-mitologia-grega.htm?mode=list&foto=9>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.